

AS TORRES DAS IGREJAS MATRIZES DE
CATAS ALTAS E ITABIRITO
EM MINAS GERAIS

Eleusy Natália Miguel

Assim como as letras permitem formar todas as palavras, os lugares permitem formar todos os pensamentos”.

João Adolfo Hansen

ELEUSY NATÁLIA MIGUEL

AS TORRES DAS IGREJAS MATRIZES DE CATAS ALTAS E ITABIRITO
EM MINAS GERAIS

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

INSTITUTO DE FILOSOFIA, ARTES E CULTURA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO

Ouro Preto 2016

ELEUSY NATÁLIA MIGUEL

AS TORRES DAS IGREJAS MATRIZES DE CATAS ALTAS E ITABIRITO
EM MINAS GERAIS

Monografia apresentada ao Curso de pós-graduação *lato sensu* em nível de especialização em Cultura e Arte Barroca da Universidade Federal de Ouro Preto como parte dos requisitos para obtenção do grau de Especialista em Cultura e Arte Barroca.

Orientador: Alex Fernandes Bohrer
Coorientador: Rodrigo Luiz Minot Gutierrez

INSTITUTO DE FILOSOFIA, ARTES E CULTURA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
Ouro Preto 2016

M636t Miguel, Eleusy Natália

As torres das igrejas matrizes de Catas Altas e Itabirito em Minas Gerais [manuscrito] / Eleusy Natália Miguel. -

2016.

50 p.

Orientador: Alex Fernandes Boher.

Monografia (Especialização em Cultura e Arte barroca) – Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Filosofia, Artes e Cultura.

1. Arte barroca – Minas Gerais – História e crítica. 2. Arquitetura religiosa – Catas Altas (MG). 3. Arquitetura religiosa – Itabirito (MG)

I. Título.

CDU: 7.034.7:726

Dedico este trabalho às Minas Gerais.

Mesmo conhecendo terras distantes e belas, paisagens estas que me afagam o olhar e os demais sentidos, afinal é sabido: “navegar é preciso”; é aqui, no perfil colonial de minha terra que sinto a plenitude de ser pertencente a um lugar, ter identidade, simples assim.

Navegar é preciso, mas voltar é essencial!

Meu muito obrigada:

*a Deus,
aos meus pais, Therezinha e José Miguel,
ao Kleber,
à Anmaly e ao Fernando,
ao Prof. Dr. Alex Bohrer,
à querida Luciana Brandão,
aos amigos, Rodrigo, Ana Faria e Fatinha,
aos colegas de curso,
ao IFAC,
por fim, à UFOP.*

"O mundo tem dois hemisférios: um superior e visível, que é o passado, o outro inferior e invisível que é o futuro, no meio de uns e outros hemisférios ficam os horizontes do tempo que são ESTES instantes do presente que imos vivendo, onde o passado se termina e o futuro começa".

Pe. Antônio Vieira

RESUMO

A sociedade colonial mineira fascinava e atraía muitos migrantes para suas terras com a promessa de enriquecimento. Neste cenário as construções do século XVIII se colocam como a mais expressiva produção arquitetônica e artística da sociedade mineradora. O principal objetivo deste estudo foi analisar a produção arquitetônica religiosa mineira, com foco nas matrizes de Catas Altas e Itabirito. Buscou-se apresentar as matrizes e suas cidades de origem e, especialmente, entender os elementos compositivos de suas torres e de sua suposta influência moura. Para tal, recorreu-se às fontes bibliográficas e pesquisas de campo implementadas com registros fotográficos. Conclui-se que as torres sineiras estudadas foram influenciadas, de alguma forma, pela cultura árabe, que por sua vez, tem forte influência na península ibérica, o que justifica esse alcance de elementos forjados ao gosto arábico.

ABSTRAT

The mining colonial society fascinated and attracted many migrants to their land with the promise of enrichment. In this scenario constructions of the eighteenth century the place as the most significant architectural and artistic production of the mining company. The aim of this study was to analyze mining religious architectural production , focusing on the headquarters of Catas Altas and Itabirito . He attempted to present the matrices and their hometowns , and especially understand the compositional elements of its towers and its alleged influence Moorish . To this end, it resorted to the bibliographic sources and field research implemented with photographic records . We conclude that the belfries studied were influenced in some way by the Arab culture , which in turn has a strong influence on the Iberian Peninsula , which justifies this range of forged elements to Arabic taste.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS.....	ix
1. INTRODUÇÃO.....	01
2. O CICLO DO BARROCO E DO ROCOCÓ EM MINAS GERAIS.....	04
3. CATAS ALTAS E ITABIRITO.....	10
3.1. A Cidade de Catas Altas e a Matriz de Nossa Senhora da Conceição.....	11
3.2. A Cidade de Itabirito e a Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem.....	13
4. O ELEMENTO ARQUITETURAL TORRE.....	17
4.1. O Elemento Torre de Igreja.....	19
4.2. Exemplos de Tipologias de Torres em Templos do Período Colonial Brasileiro.....	21
4.3. Estudo Morfológico das Torres das Igrejas de Catas Altas e Itabirito.....	30
4.3.1. Torres da Matriz Nossa Senhora da Conceição em Catas Altas e Torres da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem em Itabirito.....	30
4.4. Influência Árabe na Arquitetura Colonial Brasileira.....	34
4.5. Traços Árabes na Arquitetura das Igrejas do Norte de Portugal.....	38
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
6. REFERENCIAS.....	46
7. GLOSSÁRIO.....	49

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Vista dos telhados da cidade de Porto, Portugal. Ao fundo a emblemática Torre dos Glérgios.....	05
Figura 02: Vista do casario setecentista e Matriz de Nossa Senhora do Pilar, Ouro Preto – MG.....	08
Figura 03: Vista da Serra do Caraça, Praça Monsenhor Mendes Catas Altas- MG.....	11
Figura 04: Matriz Nossa Senhora da Conceição, Catas Altas- MG.....	12
Figura 05: Estação Ferroviária, Itabirito - MG.....	14
Figura 06: Matriz Nossa Senhora da Boa Viagem, Itabirito-MG.....	15
Figura 07 e 08: Capela Rosário dos Brancos (Pe. Faria), Ouro Preto – MG.....	17
Figura 09: Igreja de São José de Ribamar (Séc. XVIII), Aquiraz – CE.....	18
Figura 10: Capela São Pedro dos Pescadores, Fernando de Noronha-PE.....	18
Figura 11 e 12: Capela Santo Amaro de Botafogo. Distrito de Bota Fogo – Ouro Preto- MG.....	19
Figura 13: Basílica Nossa Senhora do Carmo 1767, Recife-PE.....	21
Figura 14: Capela Santa Quitéria, Catas Altas - MG.....	22
Figura 15: Igreja Nossa Senhora do Carmo, Diamantina – MG.....	22
Figura 16: Igreja Santo Antônio do Canjica, Tiradentes – MG.....	23
Figura 17: Igreja Santa Rita, Paraty - RJ.....	23
Figura 18: Igreja Nossa Senhora do Rosário, Diamantina - MG.....	24
Figura 19 e 20: Catedral Basílica Da Sé (N. S. da Assunção) Mariana – MG.....	24
Figura 21: Igreja Santo Antônio, Itaverava - MG.....	25
Figura 22: Igreja Nossa Senhora da Penha de França, Distrito Bichinho, Tiradentes – MG.....	25
Figura 23: Igreja de São Francisco de Assis, Ouro Preto - MG.....	26
Figura 24: Igreja de Nossa Senhora do Rosário, Ouro Preto – MG.....	26
Figura 25: Matriz de Santa Antônio, Tiradentes – MG.....	27

Figura 26: Igreja São Pedro dos Clérigos, Mariana – MG.....	27
Figura 27: Igreja Nossa senhora da Boa Morte, Piranga – MG.....	28
Figura 28: Igreja Rosário dos Negros, Tiradentes – MG.....	28
Figura 29: Igreja Nossa Senhora das Mercês, Tiradentes – MG.....	29
Figura 30 e 31: Capela do Bom Jesus da Pobreza 1782, Tiradentes – MG.....	29
Figura 32: Matriz Nossa Senhora da Conceição, Catas Altas – MG.....	30
Figuras 33 e 34: Matriz Nossa Senhora da Conceição, Catas Altas – MG.....	31
Figuras 35 e 36: Matriz Nossa Senhora da Boa Viagem, Itabirito – MG.....	32
Figura 37: Matriz Nossa Senhora da Boa Viagem, Itabirito – MG.....	33
Figura 38: Balcão com rendilhado em pedra, Mariana – MG.....	35
Figura 39: Capela Santo Antônio, São Roque – SP.....	36
Figura 40: Igreja Nossa Senhora do Carmo, Mariana – MG.....	38
Figuras 41 e 42: Mapas de Portugal e Norte de Portugal.....	39
Figuras 43 e 44: Igreja Nossa Senhora da Agonia.....	40
Figuras 45 e 46: Igreja de Santo António de Frades Capuchos.....	41
Figuras 47, 48 e 49: Igreja de Santo António da Torre Velha Igreja.....	41
Figuras 50 e 51: Igreja de Aguiã.....	42
Figuras 52 e 53: A Igreja de Nossa Senhora da Conceição.....	42
Figuras 54 e 55: Igreja do Divino Espírito Santo.....	43
Figuras 56 e 57: Mosteiro de São Martinho de Tibães.....	43

1. INTRODUÇÃO

No transcurso da humanidade, os povos imprimem suas marcas no tempo de diversas formas: na ciência, na teologia, na tecnologia e em especial na arte. Todo signo (verbal, plástico, musical, gestual, físico) é uma imagem exterior de imagens mentais, logo, metáfora da metáfora (HANSEN, 2006). Essas marcas conferem ao homem o diferencial entre os animais, ou seja, [...] “é o único animal que deixa registro atrás de si, pois é o único animal cujos produtos *chamam à mente* uma ideia que se distingue da existência material destes” (PANOFSKY, 1991, p. 23).

Na arquitetura não é diferente, essas marcas impressas por civilizações deixam pistas da forma que existiram e como viveram o que era realmente relevante àquela determinada sociedade, suas atribuições político-econômicas, religiosas e culturais, de forma física no ambiente onde se viveu, por meio das construções e formações urbanísticas como arruamento, pontes, largos, etc.

Ao realizar atividades - na sua vida diária de “ser-no-mundo” -, o homem faz acontecer no espaço (especializa) as suas intenções, os seus desejos. Nesse processo, ele dispõe objetos, sinais e marcas, para adequar o ambiente àquilo que ele quer especializar; assim ele cria lugares, dando forma física às suas intenções, aos seus desejos. A disposição dos objetos e dos sinais, bem como a marcação do ambiente não são feitas aleatoriamente. Elas são intencionais; são para um fim específico, um propósito e, por isso, elas possuem um significado. É dessa maneira que o homem cria os lugares e significativos: os lugares arquitetônicos. Como as intenções têm fundamento no desejo, o que foi criado para a manifestação das intenções contém os significados do desejo. Pode-se dizer, então, que o espaço arquitetônico é a espacialização do desejo (MALARD, 2006, p 36-37).

Dessa maneira, os muitos estilos arquitetônicos se manifestam dentro da arte, complementando as demais artes e explicitando seus valores, suas atribuições inseridas a sociedade e a época pertencente, assim, delegam ao tempo suas muitas interpretações.

[...] A peculiaridade da arquitetura não pode ser imaginação formal, porque, nesse caso, não se distinguiria da pintura ou da poesia; e não pode ser a lógica e a técnica da construção, que se encontram em outros artefatos que não são arquitetura. Típico da arquitetura é o projeto das formas tendo em vista a execução, ou seja, a operação de *projetar* (ARGAN, 2005, p 199).

O barroco é considerado um desses *estilos*¹ artísticos. É importante buscar entendê-lo, o período dito barroco, por meio das formas que se configuraram a sociedade, sugerindo um diálogo da cultura com a sociedade em questão. Faz-se necessário então, considerar uma mistura artística de várias sociedades primando por um produto com formas universalizadas

¹ Sabe-se o quão polêmico e contraditório é o uso do termo ‘estilo’.

(BOHRER, 2007; FERNANDES, 2005). À luz desse enfoque, “o barroco² só é explicável pelo contexto histórico que o fomentou” (BOHRER, 2007, p. 25).

A sociedade colonial brasileira era subordinada às leis da igreja e da política, todavia, a representação artística que esta repressão gerava é de certa forma antagônica, assim o questionamento das aparências por meio de uma representação teatral colocando o fantástico no cotidiano, a reflexão sobre a fugacidade da vida, a ornamentação excessiva, e a possibilidade de múltiplas leituras, todos estes aspectos podem ser encontrados nas manifestações barrocas de Minas Gerais (GOULÃO, 1996).

As minas de pedras e metais preciosos fascinaram e causaram grande efervescência às pessoas que tomavam conhecimento do fato, impulsionaram assim, grande leva de imigrantes para as terras mineiras, com esperança de enriquecimento. Neste cenário as construções do século XVIII representam a mais expressiva produção arquitetônica e artística da sociedade mineradora (MIRANDA, 1996).

Nessa mesma perspectiva, Holanda (1995), reforça esse ponto de vista sociológico do período,

[...] O peculiar da vida brasileira parece ter sido, por essa época, uma acentuação singularmente energética do afetivo, do irracional, do passional, e uma estagnação ou antes uma atrofia correspondente das qualidades ordenadoras, disciplinadoras, nacionalizadoras[...] (HOLANDA, 1995, p 61).

É bastante intrigante a falta de produção científica sobre as relações e afinidades entre os portugueses e espanhóis no período da colonização da América Sul, considerando a forte relação entre estes dois países, com suas formas de cooperação e disputas, principalmente se considerar o período entre 1580 e 1640, quando foram regidos sob a égide de um mesmo Rei, configurando a União Ibérica (GOULÃO, 1996).

Se comportando como ponto de partida desse trabalho, o estilo colonial brasileiro, especialmente o barroco, é um campo frutífero de pesquisas e análises, em especial na região da então capitania das Minas Gerais. Partindo desse pressuposto, é que o tema escolhido se descortina, a arquitetura religiosa dessa etapa da história mineira. Especificando um pouco mais, obviamente dentro da temática, o foco desse estudo se finda nas torres das Igrejas Matriz de Catas Altas e Itabirito em Minas, sugerindo uma conexão com igrejas localizadas no norte de Portugal.

² Pesquisadores atribuem o termo Barroco basicamente a duas hipóteses: a primeira como alusão as pérolas irregulares, e a segunda, oriunda do italiano “baroco”, que denotaria um desvio no pensamento lógico e elaboração de metáforas.

Podemos antever uma via de reflexão válida, além da tão estudada, arquitetura colonial mineira, fazer uma ponte de conhecimento entre os países em questão, que parece bastante razoável dado à conjuntura da história brasileira, enriquece e entusiasma a pesquisa e suas vertentes. “[...] Ainda agora, na véspera do século XXI, o barroco é marca que se imprime na arte de Minas, no som, na cor, no gesto, no espírito de Minas Gerais” (ARAÚJO, 1998, p 20).

Desta forma parece legítimo e um tanto útil o estudo do tema sugerido, como faz crer e ressalta FIORILLO (1996), quando afirma que:

[...] Há na ocupação do historiador um vínculo perfeito com o entendimento humano que transforma os perscrutadores da vida em portadores do dever de guiar as consequências hoje sobre o que foi o homem ontem e assim ajudá-lo a dirimir como se portar agora tendo em vista o amanhã (FIORILLO, 1996, p 19).

Nessa perspectiva, o período colonial brasileiro se configura num campo fértil para essa proposta de estudo. É válido ressaltar que mesmo com a gama de pesquisa a cerca da temática, ainda hoje, é insuficiente e que por esse motivo contribui com de certa maneira com o patrimônio cultural mineiro.

O presente trabalho tem por objeto principal estudar principalmente a produção arquitetônica religiosa mineira, com intuito de enriquecer os conhecimentos sobre a cerca as cidades de Catas Altas e Itabirito e suas matrizes. Já referente ao estudo específico, tem como objetivos: traçar um breve panorama sobre o estilo colonial no Brasil; desenvolver um breve estudo acerca das cidades Catas Altas e Itabirito em Minas Gerais e suas Matrizes; desenvolver um estudo sucinto sobre Torres como elementos arquitetônicos; investigar a ligação do Brasil com a cultura luso- hispânica; investigar a cultura mourisca na arquitetura brasileira; e por fim, pesquisar a semelhança física das torres das igrejas de Catas Altas e Itabirito em Minas Gerais, e correlaciona-las a Igrejas do Norte de Portugal.

Para atender aos objetivos propostos, foram definidos os seguintes procedimentos: pesquisar fontes bibliográficas e analisar fontes primárias; levantamento das teorias e estudos que regem esta discussão sobre arquitetura religiosa colonial mineira, para adequação aos objetivos do presente estudo; desenvolver pesquisas de campo, relativas ao assunto; e finalizando, com estudo fotográfico dos elementos arquitetônicos estudados, as torres das matrizes de Catas Altas e Itabirito.

2. O CICLO DO BARROCO E DO ROCOCÓ EM MINAS GERAIS

No cerne criativo da vanguarda cultural, a Itália surge como genitora do Barroco no mundo, e destaca sua capital, Roma, como capital cultural e artística europeia. Como se pode imaginar, o estilo permeou os países europeus e se firmou em cada um deles com as peculiaridades de cada referida região.

Buscando contemplar todo conteúdo religioso, o barroco, é sem dúvida, o estilo artístico que mais veiculou a doutrina católica, sobretudo no período pós Concílio de Trento³, como ressalta Bohrer em sua tese:

Trento confirmou, pois, o uso das artes como veículo catequético - numa época de iletrados, as imagens falavam por si só e divulgavam (dando ênfase à autoridade católica) uma iconografia instrutiva e piedosa. A Igreja reconhecia, então, de forma mais eficaz, o papel didático da arte: instrumento poderoso de coesão e propaganda, direcionando os fiéis à oração, contemplação ou assombro. É nesse contexto que nasce o tipo de retábulo que estudamos, fruto da conjuntura cultural católica e absolutista do século XVII e XVIII (BOHERER, 2015, p.29).

Considerado como a arte dos sentidos, da pompa teatral, da dinâmica das formas e do movimento, perpassa pela condição de antagonismo, numa profunda relação entre o teocentrismo e o antropocentrismo, fé e razão. Talvez, em função desta contradição exacerbada, é que se revelam tamanha maestria nas formas, adornos e a grande profusão de simbolismos, inerentes ao período em que se encontra. Mais que um estilo artístico, era considerado um estilo de vida.

O Barroco é a espacialização do poder da igreja e do Estado. A dimensão artística da Arquitetura presta-se à propaganda, na medida em que revela como “aparência” do poder. A dimensão de uso é submetida, pois a função primeira dos palácios e igrejas é a estética, para reafirmar a glória de Deus, através do Papa, e a glória dos homens, através do soberano absoluto. Embora o progresso científico do período seja espantoso, ele não contamina os arquitetos do Rei e do Papa. Só o poder se expressa (MALARD, 2006, p. 130-131).

É de ressaltar que, ao sair da Europa se estabeleceu uma forte ligação com as terras conquistadas, na América do Sul, é nítido a influencia das fachadas das catedrais e seus interiores. Portugal, em virtude do domínio da coroa espanhola, teve início com décadas de atraso, conseqüentemente no Brasil, então colônia portuguesa, o atraso foi mais significativo. Outro fator muito relevante à evolução do estilo barroco no Brasil, por exemplo, foi que no

³ **Concílio de Trento:** assembleia promovida pelo Papa Paolo III com objetivo de assegurar a fé cristã, foi apoiada pelos monarcas ibéricos, o poderosíssimo espanhol Felipe II e o português D. João III, seguido por seu irmão cardeal D. Henrique, que garantiram a intensificação das pregações e a construção de seminários para manter a disciplina do clero. Uma das armas mais poderosas da Igreja contra a Reforma foi a então recém-criada Companhia de Jesus, fundada em 1534 por sete estudantes da Universidade de Paris, liderados pelo basco Inácio de Loyola, convertidos soldados de Cristo na luta pela supremacia do catolicismo tanto na Europa quanto no Oriente e na América (GALLAS E GALLAS, 2012, p.42).

país não havia mão de obra com cultura construtiva mais elaborada, como no caso das colônias espanholas que encontraram em suas possessões civilizações como as dos maias, astecas e incas.

Nesse contexto, o Barroco que se desenvolveu de início no Brasil foi uma continuação do *Barroco Joanino português* – já que as primeiras plantas e decorações foram feitas por artistas do reino; com o passar dos anos, em cada uma das diferentes regiões brasileiras, muito mais distante entre si do que são o norte do Sul de Portugal, as construções foram assimilando inovações locais, traços próprios, plantas mais ousadas, ganhando movimento, características da própria população, uso de novos materiais, que foram modificando a arquitetura e arte feitas no país até se chegar ao comumente reconhecido como *Barroco Brasileiro*, realizado na segunda metade do século XVIII... (GALLAS E GALLAS, 2012, p.213).

Muitos consideram que a estética barroca é a estética da estranheza por excelência – no intuito de assombrar e de maravilhar, é capaz de assimilar todos os particularismos e exceções, resultando assim, no pensamento da percepção das contradições da própria sociedade colonial (BUSTILLO, 1990).

Figura 01: Vista dos telhados da cidade de Porto, Portugal. Ao fundo a emblemática Torre dos Clérigos



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Para Miranda (1996), o barroco foi um movimento artístico tão pungente que os movimentos próximos, como o maneirismo e o rococó, de certa forma teriam sido alterados em suas essências:

[...] Ao longo do século XVIII, sucederam-se expressões do maneirismo, do barroco e do rococó, mas praticamente não se pode encontrar composição estilisticamente unitária. A orientação barroca, conformando o manejo dos repertórios estilísticos, teria, tanto contaminado o maneirismo persistente, quanto submetido a interpretação do rococó (MIRANDA, 1996, p. 772).

Essa estética genuína e marcante, é consolidada no território mineiro e fomentada pela produção mineradora, como chama atenção Bohrer (2015):

No que tange à arte colonial mineira, talvez haja mais originalidade e invenção nas primitivas capelas e matrizes do que nas grandes obras dos períodos subsequentes. Construídas dentro de um contexto inicial de exploração aurífera, quando o aparelho burocrático estatal e eclesiástico ainda não havia sido implantado, essas criações apresentam, não por acaso, adaptações evidentes e, não raro, desenhos que, apesar de singelos, são audaciosos (BOHRER, 2015, p. 406).

A ornamentação, as esculturas, as pinturas e até a disposição dos elementos dentro das igrejas, eram uma forma pedagógica de ensinar as mensagens e preceitos religiosos que a igreja desejava imprimir na sociedade colonial cristã, a Contra Reforma católica valeu-se da arte, já que a grande maioria da população ou não sabia ler, ou não tinha acesso aos livros, assim, o “teatro barroco” falava por si.

De acordo com Lúcio Costa:

A expressão “*arte barroca*” não significa, assim, apenas um estilo. Ela abrange todo um sistema, verdadeira confederação de estilos – uma *commonwealth* barroca, poder-se-ia dizer. Estilos perfeitamente diferenciados entre si, mas que mantêm uma norma comum de conduta em relação aos preceitos e módulos renascentistas. (COSTA, 1941, p. 130).

A partir de 1760, o novo estilo artístico ganha a colônia portuguesa na América, bastante esparso na França, Alemanha e algumas regiões da Itália, o Rococó é absorvido a ornamentação dos templos religiosos. Com uma concepção mais leve em relação ao Barroco, é um estilo com maior amplitude, iluminação e estabilidade na harmonia das obras (FERNANDES, 2009).

Aos poucos, o barroco foi ocupando o lugar nessas igrejas, através de seus estuques, mármores, talhas, estátuas, símbolos e signos religiosos, externando-se até preencher a cena urbana. “As colunas retorsas, apreendidas por Bernini nos monumentos árabes da península ibérica, penetraram em São Pedro de Roma e de lá foram copiadas pelo mundo inteiro”. Menção às colunas salomônicas que se espalharam pelo interior dos templos em Portugal, e que podem ser consideradas como elemento de identificação da fase inicial do esplendor decorativo que foi trazido a Minas Gerais, como o interior da Matriz de Antônio Dias e a Matriz do Pilar, ambas em Ouro Preto. A madeira era um elemento especialmente utilizado na talha, na região

norte de Portugal, ornamentando em diferentes tipos e colorações que objetivavam fixar o religiosismo exaltado. Nessa porção da metrópole, o barroco se formou mais autóctone, mais escuro, se comparado à região sul; encontrou algumas semelhanças na Espanha e na Alemanha, cuja repercussão em exemplos brasileiros é uma possível explicação. A região sul de Portugal foi influenciada pela Itália, França e também Alemanha, deixando como exclusividade a ornamentação dos azulejos, criando ambientes mais clássicos e claros. (GARCIA, 2005, p.28-29).

Motivadas pelas promissoras descobertas de minas de ouro, muitas pessoas migraram para Vila Rica e arredores. De diferentes etnias e ofícios, esses indivíduos difundiram seus conhecimentos e influenciaram a cultura artística nas Minas Gerais colonial. Dentre a diversidade de imigrantes, notam-se arquitetos, construtores, engenheiros militares advindos da Europa Central, Lisboa e especialmente do Norte de Portugal (BOHRER, 2015; CAMPELLO, 2001; DANGELO, 2006), como salienta Dangelo (2006):

[...] a antiga Vila Rica era um desses locais que, a partir da descoberta do ouro no final do século XVII, tornou-se um centro urbano que rivalizava com as principais cidades brasileiras e da América Latina, para onde se encaminhavam, numa efervescência constante, pessoas das mais diversas origens: portugueses, brasileiros e outros estrangeiros que ali se dirigiam pelas razões mais diversas – procura de trabalho, entretenimento, poder ou postos oficiais e, principalmente, enriquecimento rápido (DANGELO, 2006, p. 56).

A abundância de ouro e pedras preciosas, fez com que o mineiro fosse construtor de igrejas, a exigência do luxo em templos encontrou na estética barroca, com sua riqueza decorativa e diversificada, uma correspondência ideal para o momento da doutrina católica e o apogeu português, esta estética era aceita pela sociedade. As primeiras ermidas de palha, logo deram lugar as capelas de taipa e logo em seguida, as de pedra, em meio à profusão do ornamento e das alfaias. Pode-se considerar, respaldado em historiadores como German Bazin que nos templos religiosos erguidos e ornados pelo advento da mineração, o Brasil obteve sua primeira manifestação marcante genuína (ARAUJO, 1998). No decorrer de todo território mineiro é possível encontrar registros desta era, edificações repousando na história, como testemunho de um tempo rico, onde a arquitetura religiosa manifesta valor artístico, histórico e cultural.

[...] Em três séculos de história, a arte e a arquitetura das igrejas sustentam a sensibilidade criadora dos mineiros. Contam a história de Minas Gerais, dos desbravadores seiscentistas ao esplendor do garimpo, dos artistas portugueses aos mestres nativos, da profunda marca africana às sugestões do remoto Oriente, das influências europeias à versão genuína e original de formas surpreendentes (ARAUJO, 1998, p 14).

A estrutura urbana colonial é identificada, pela maioria dos historiadores, como sendo fruto de povoações espontâneas, irregulares e desordenadas, todavia, BASTOS 2007, refuta estas noções em seus trabalhos e pesquisas, com fontes primárias e tratados artísticos e

teológicos do período, século XVIII. “A irregularidade” e a “espontaneidade” – “aparente desordem” – adquiriram sinais de “unidade”, de “coerência orgânica” e, principalmente, de “genuinidade” (BASTOS, 2007, p. 06). Conforme corrobora Holanda (1995),

[...] A verdade é que a grande lavoura, conforme se praticava e ainda se pratica no Brasil, participa, por sua natureza perdulária, quase tanto da mineração quanto a agricultura. Sem braço escravo e terra farta, terra para gastar e arruinar, não para proteger ciosamente, ela seria irrealizável (HOLANDA, 1995, p 49).

Figura 02: Vista do casario setecentista e Matriz de Nossa Senhora do Pilar, Ouro Preto-MG.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Os arquitetos e engenheiros eram influenciados pelos tratados e neles se balizavam, tratados os quais, eram muito claras as normas estabelecidas para os projetos das determinadas construções, dentre elas, as igrejas. Assim. “A arte religiosa se portava como canal de propagação dos dogmas católicos ao maior número possível de fiéis, para encantá-los e convencê-los de seu esplendor e riqueza” (GARCIA, 2005, p. 22), dessa maneira fica explícita a importância da arquitetura religiosa na colônia. Havia um rigor na ordem, o projeto deveria ser adequado com conformidades às normas, as regras, essa ordem não seria simplesmente um atributo apenas, e sim um princípio.

Conjugado a ordem, o decoro⁴, decoro enquanto preceito fundamental da ética e retórica setecentista e que funcionavam como reguladores dessa engrenagem barroca (BASTOS, 2007; HANSEN, 2001).

Como ressalta Bastos (2007), a seguir:

Não se pode esquecer que nos seiscentos e setecentos luso-brasileiros a produção artística - e sobretudo a produção construtiva - era pensada em virtude de sua utilidade⁵. Não se produzia segundo a noção moderna de *autonomia da arte*. Elas obedeciam sempre um propósito de utilidade. A beleza deveria ser, acima de tudo, uma conveniência; ou melhor, uma reunião arguta, perspicaz e versátil, de conveniências concordadas (BASTOS, 2007, p. 16).

Acredita-se que a expansão artística nas Minas se deu mais por meio dos cursos dos rios e ribeiros, do que pelos caminhos terrestres, Ademais, era menos penoso o tráfego pelos rios do que pelas precárias e muitas vezes inexistentes estradas, em alguns locais, se fazia necessário, abrir trilhas para passagem, vale ressaltar que, essa proposição foi descortinada no decorrer dos estudos doutorais do pesquisador Alex Bohrer. O Rio das Velhas permeia as regiões de Ouro Preto, Sabará, Itabirito, dentre outras. Nesse percurso, observa-se uma referida ligação estilística entre localidades de certa distancia entre si, especialmente à época, como Sabará e Cachoeiro do Campo em Ouro Preto. Possivelmente esse intercambio era facilitado pela então locomoção hídrica, mais ágil que a terrestre. Os artistas portugueses transitavam nessas regiões, estabelecendo a arte e influencia a seu *gosto*⁶, conforme ressalta Bohrer (2015):

É certo que a migração de artistas foi mais intensa durante as três primeiras décadas do século XVIII e isso é justificável por não haver, nesse momento, mão de obra local. Quase todos eram lusitanos e traziam as novidades estéticas atualizadas, agradando os comitentes (também portugueses em sua maioria, prováveis conhecedores do que se fazia na metrópole) (BOHRER, 2015, p. 264).

O período do Barroco em Minas Gerais foi regido por imensa efervescência artística, mesmo sendo decorosa onde à imitação era a premissa, e com cunho abastado, ou seja, havia fontes que financiavam essa expectativa religiosa imprimida na arquitetura, o resultado disso foi o conjunto primoroso de obras da época. As matrizes das cidades de Catas Altas e Itabirito podem ser consideradas fruto dessa produção, como explicitado na próxima seção.

⁴ Decoro: Decência; comportamento decente, com excesso de pudor. Dignidade; respeito às normas morais: agia com decoro parlamentar. Compostura; forma correta de se portar; ação correta. Moralidade; maneira de agir ou de falar que denota pudor, resguardo. (Etm. do latim: decorum.i). Fonte: <http://www.dicio.com.br/morfologia>. Acesso em: 05.02.2016.

⁵ Cf. HANSEN, João Adolfo. “Artes seiscentistas e teologia política”. In: TIRAPEL, Percival (Org.). *Arte Sacra Colonial: Barroco Memória Viva*. São Paulo: UNESP/Imprensa do Oficial Estado, 2001. P. 180-189.

⁶ Alguns historiadores consideram gosto referenciando a estilo.

3. CATAS ALTAS E ITABIRITO

Os povoados formados em função da atividade extrativista mineradora tinham na religião cristã sua base, sendo assim, as igrejas eram implantadas em locais de destaque nas localidades, “não fugindo à regra geral de fundação de arraiais no século XVIII” (MAIOLINO, 1989, p. 14). Adequavam-se a topografia, arruamentos e largos, rios e serras; tirando partido de situações já existentes ou naturais (BASTOS, 2011; GOULÃO, 1996).

Essa condição às vezes contrariava a legislação canônica, que tinha como premissa, a implantação dos edifícios religiosos com o altar mor voltado para o leste, fazendo alusão ao nascer do sol, o Cristo – Luz do Mundo, como ressalta Bastos (2011):

[...] recomendavam implantarem-se as igrejas em locais elevados, decentes e cômodos, aspectos do decoro na implantação de edifícios. Todavia, percebemos que em Minas Gerais a regra é suplantada pelo engenho costumeiro do urbanismo conveniente luso-brasileiro [...], observava a regra, mas quando houvesse circunstâncias de comodidade ou "melhor vista" na cenografia urbana ou natural, esta era a eleição mais conveniente (BASTOS, 2011, p. 69).

As cidades de Catas Altas e Itabirito estão inseridas nesse contexto, suas matrizes reforçaram, à época, a adequação ao sítio preexistente, além de ressaltar a espiritualidade que sustentava a vida colonial dos moradores desses povoados.

A Matriz de Nossa Senhora da Conceição em Catas Altas se dirige para nordeste com sua fachada defronte a bela Serra do Caraça, harmonizando com o largo e a paisagem produzida.

Já a Matriz de Itabirito foi implantada no ponto mais central do arraial e assim comportando como marco físico da localidade, um ponto de referência de onde partiam os demais elementos do então lugarejo.

Dentro do conceito da arte colonial (barroco e rococó), os exteriores das igrejas deveriam remeter a predicados como solidez, justeza de medidas e decoro (BAZIN, 1983; BASTOS, 2011). Em contrapartida, nos interiores dessas igrejas e, principalmente das matrizes, ocorria o contrário, a riqueza deveria ser exaltada como alusão a grandeza do interior do ser,

[...] no interior dos templos o teatro sacro encenava com maior intensidade os valores da fé. Conforme tópicas muito antigas, pelo menos da partir do século XVI, assimiladas junto ao neoplatonismo, o interior dos templos poderia ou deveria ser mais ornamentado que o exterior, porque assim como o corpo é transitório, a alma (o seu interior) é mais rica e permanece (BASTOS, 2011, p. 72).

O ornamento e a riqueza apontavam para uma igreja maravilhosa, cheia de glória. Uma *Igreja Triunfante* era a mensagem que a cúpula religiosa, naquele momento, desejava passar, especialmente justificando sua batalha contra os protestantes.

3.1. A Cidade de Catas Altas e a Matriz de Nossa Senhora da Conceição

Situada na Serra do Caraça e de exuberante natureza, Catas Altas possui 5 230 mil habitantes em 2015 e uma área de 240 042 km² ⁷. Era conhecida por Catas Altas do Mato Dentro para se diferenciar de Catas Altas da Noruega. Foi distrito da cidade de Santa Bárbara até o ano de 1995. Seu nome, Catas Altas, é uma referência a minas de ouro (catas ao ouro) encontradas nas partes mais elevadas da Serra do Caraça, pelo bandeirante Domingos Borges em 1702.

Figura 03: Vista da Serra do Caraça, Praça Monsenhor Mendes Catas Altas- MG



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

O município é dotado de atrativos singulares de beleza natural, como cachoeiras, picos e trilhas. Outro dote da cidade é o contingente de obras arquitetônicas do período colonial, como o casario do centro da cidade, o “Casarão” que abriga a Prefeitura Municipal, a Capela

⁷IBGE, População estimada em 2015. Disponível em <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?Lang=&codmun=311535&search=minas-gerais|catas-altas>> Acesso em 05.01.2016.

de Nossa Senhora do Carmo (também chamada pelos moradores da cidade de Capela de Santa Quitéria), e a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição. Mais um ícone arquitetônico é o Santuário do Caraça, que fica entre os municípios de Catas Altas e Santa Bárbara, inserido no Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN) que faz parte da Serra do Espinhaço em Minas Gerais. O santuário funcionou como escola por um longo período, na qual estudaram ilustres brasileiros, como Arthur Bernardes e Affonso Pena⁸.

A Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em conformidade às características peculiares do período em que foi construída, é um precioso edifício religioso. É marcante no que tange a sua estrutura física externa, entretanto, é no seu interior que assume um caráter curioso e interessante aos que se destinam ao estudo da arte, e das características construtivas na confecção das diferentes etapas do feito do interior das igrejas coloniais. Com o declínio do período aurífero, sua construção foi interrompida revelando assim diversas fases de execução, da riqueza artística, os elementos construtivos e sua forma de execução (BASTOS, 2011; MAIOLINO, 1989).

Figura 04: Matriz Nossa Senhora da Conceição, Catas Altas- MG



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

A primeira referência que se tem da então capela é datada de 1712, por meio de um registro de batismo, segundo Maiolino (1989), nessa ocasião era uma primitiva capela. Todo

⁸ Fonte: http://www.serradocaraca.tur.br/serra_do_caraca. Acesso em 05.01.2016.

processo de elaboração de projeto e edificação da atual igreja se deu na primeira metade do Século XVIII, sob a direção da Irmandade do S. S. Sacramento⁹ e com apoio financeiro das demais Irmandades. O português Manoel Fernandes Pontes foi o arremate das obras de fatura da matriz, assim como o Risco da igreja. Com o falecimento do mestre carpinteiro em 1743, foi destinada aos irmãos Manoel Roiz Rates e Antônio André Tares, então contratados. As obras internas da igreja se estenderam até as primeiras décadas de sec. XIX, conforme consta nos documentos originais da Irmandade S. S. Sacramento: “[...] pelo que se pagou ao Pintor para doirar o altar do Sacramento como vê do recibo nº 40 – 68\$567. (ibidem, fls. 200 verso)” (MAIOLINO, 1989, p. 13).

A parte externa da matriz tem proporções generosas, ademais, a fachada possui características singulares as demais igrejas da época. Com distinção, possuem no corpo central da fachada frontal três arcadas da galilé que fazem simetria as três enormes janelas do coro, o frontão apresenta leve sinuosidade com a presença do óculo central e é arrematada por cimalha em pedra. O frontispício é dotado de duas torres sineiras arrematados com pináculos bulbosos que confere mais uma distinção desta igreja. As fachadas laterais possuem cinco janelas e portas para acesso a nave central, coroadas por cimalthas em madeira.

A estrutura original era de taipa de pilão, apesar de grande disponibilidade de pedras na região. Na primeira metade do século XIX, a fachada e as torres foram substituídas por alvenaria de pedra.

O interior é bastante simétrico e com esmero na proporção de suas dimensões, a capela mor é consideravelmente profunda, nave central longa, tribuna é voltada para o corpo central, arco do cruzeiro harmonioso aos monumentais altares laterais, o de Nossa senhora do Rosário e o são Miguel e Almas. Os ornamentos, talhas e pinturas são suntuosos e muitos inacabados.

3.2. A Cidade de Itabirito e a Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem

Em princípio, com o nome de Itabira do Rio de Janeiro referida ao início do Século XVIII, foi como ficou conhecido o lugarejo. Em 1752 foi intitulada de Itabira do Campo, sendo elevada a vila em 1923 com o mesmo nome. Em 1927 foi emancipada a cidade com, agora, o nome de Itabirito, nome oriundo das raízes dos indígenas da Serra do espinhaço que

⁹ Há uma divergência nas informações quanto ao comando dos trabalhos. Os registros aqui estudados foram da Irmandade S. S. Sacramento, que teve apoio das demais Irmandades. Entretanto, em alguns meios de comunicação acusa-se a Irmandade de São Gonçalo da contratação do mestre carpinteiro.

ali viviam, com o significado de: ITA= Pedra e BIRITO= Pedra que risca vermelho (FIORILLO, 1996).

Como parte do quadrilátero ferrífero, Itabirito é um dos muitos municípios mineiros na zona metalúrgica do estado, com cerca de 45 mil habitantes em 2010 e uma área de 543 km²¹⁰, possui cerca de dezoito templos religiosos católicos, sendo o de maior destaque a Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem, construção primorosa do início do séc. XVIII.

De acordo com FIORILLO (1996),

Fernão Dias e seu genro Borba Gato estiveram em Itabirito em fins do Século XVII, visto que em 1711 já existia Ermida em honra a Nossa Senhora da Boa Viagem e em 1721 como atestam os Anais Paroquiais já tinha capelão, que foi o Reverendíssimo Sr. Pe. Paulo Carvalhosa de Castro, quinto capelão da Capela Curada. (FIORILLO, 1996, p. 19).

Figura 05: Estação Ferroviária, Itabirito - MG



Fonte: <http://www.portalmariana.org/cidades/itabirito-mg/itabirito-assume-o-3o-lugar-no-icms-cultural-de-minas-gerais>.

Segundo o Padre Miguel Ângelo Fiorillo (1996), supõe-se que a Devoção e culto a Nossa Senhora da Boa Viagem se deu no Brasil, em primeira instância, em Itabira no ano de 1709, hoje cidade de Itabirito, entretanto não há nenhuma comprovação até os dias atuais. Nos registros atribuídos a construção da Igreja não há uma data específica, porém, acredita-se ter

¹⁰ Censo 2010, IBGE. Disponível em <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?uf=31&dados=29>> Acesso em 29.01.2014.

sido entre 1710 e 1720 baseado no conteúdo dos registros paroquiais como casamentos e sepultamentos.

Considerada por muitos uma construção primorosa, FIORILLO (1996) ressalta:

...construção sólida, seu interior um tanto sombrio, convida a alma à elevação com Deus, à prece, à meditação. Seus altares encantam. Há um conjunto de três altares, o Altar Mor com dois laterais primeiramente colocados, simplesmente deslumbrantes no seu todo; suas molduras bem talhadas relembram uma infinidade de arabescos¹¹ artisticamente trabalhados e dispostos com suas colunas espirais salomônicas, douradas. Não se pode também deixar de citar o trabalho dos púlpitos laterais (FIORILLO, 1996, p. 25).

Figura 06: Matriz Nossa Senhora da Boa Viagem, Itabirito-MG



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

A Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem possui Área de 867 m², e está inserida no centro da malha urbana, onde foi iniciada a cidade de Itabirito. Foi submetida a várias intervenções ao longo dos anos, dentre elas um acréscimo na parte posterior da edificação,

¹¹Arabesco: Ornato pintado ou esculpido, inspirado na arte muçulmana. Rabisco.

próxima a torre sineira para a locação da sacristia. No frontispício foram acrescentadas duas janelas de ipê e uma talisca, que de acordo com Firolo-1996, confere uma fachada harmônica sem interferir nas características coloniais¹² da construção.

Sua parte externa é também peculiar às características coloniais. No frontispício há uma grande porta central, duas janelas-sacadas do coro e o óculo no interior do frontão, todos emoldurados em cantaria. Há duas torres sineiras de seção quadrada em alvenaria e também emolduradas em pedra, são arrematadas por pináculos e não por telhados, o que difere de outras igrejas. Há uma presença marcante de cunhais e pilastras em massa e sobre a base de pedra que finaliza a fachada. Sobre a empena, há pequenos pináculos e um pedestal arrematado por uma cruz, elementos em pedra. Uma singela escadaria faz o acesso ao adro. Sua construção foi toda em alvenaria de pedra. Ao longo do tempo foram feitos acréscimos e correções necessárias.

Na parte interna observa-se uma única nave, é notadamente sóbrio esse espaço interior, fazendo menção ao recolhimento convidado a alma à elevação e colóquio com Deus, segundo os religiosos. Originalmente os pisos eram pisos tabuados e ladrilhos hidráulicos, entretanto, com as inúmeras intervenções em que sofreu hoje o piso é todo em ladrilho hidráulico. Compõe a igreja três altares, o altar mor que é da primeira fase do barroco, e os laterais, com talha e pintura ricamente detalhados condizentes com sua abundância econômica do período.

¹² Características Coloniais: abrange os estilos Barroco e o Rococó.

4. O ELEMENTO ARQUITETURAL TORRE

O elemento arquitetônico “torre”, compositivo das construções civis e religiosas, podem assumir inúmeras posições nos edifícios. Além de sua múltipla localização na construção, as torres possuem uma variada constituição no tocante à forma e ao material nelas utilizados. Conforme observa Affonso Ávila (1979):

“Parte saliente de uma edificação civil ou religiosa, de sentido vertical. Nas igrejas, geralmente, as torres tem como função abrigar os sinos. Em Minas Gerais existe grande variedade de tipos de torres que se diferenciam pelas formas de cobertura e da planta” (ÁVILA *et al*, 1979, p. 32).

As torres sineiras são dotadas de campanários, nos quais são abrigados os sinos. O campanário é o espaço destinado à colocação dos sinos nas torres, compreendido pela sineira, que é o vão onde se fixa o sino. Nessa perspectiva, é recorrente o uso de torres com campanário nas igrejas mineiras. Já as capelas mais simples do estado, e é válido lembrar que são numerosas, é recorrente o uso de sineiras ou no corpo da igreja ou em torres isoladas da edificação, a exemplo as figuras a seguir:

Figura 07 e 08: Capela Rosário dos Brancos (Pe. Faria), Ouro Preto – MG



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Figura 09: Igreja de São José de Ribamar (Séc. XVIII), Aquiraz – CE



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Em alguns exemplos de construção religiosa colonial, não se observa o uso da torre, e simplesmente da sineira, como nas capelas de Fernando de Noronha e Bota Fogo, a seguir:

Figura 10: Capela São Pedro dos Pescadores, Fernando de Noronha-PE



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Na capela abaixo, observa-se a sineira externa ao corpo da edificação, praticamente se equilibra, em cantaria de pedra, singular e singelo exemplo.

Figuras 11 e 12: Capela Santo Amaro de Botafogo. Distrito de Bota Fogo – Ouro Preto- MG



Fonte: <http://www.forumpatrimonio.com.br/arqdoc2015/artigos/pdf/38.pdf>.

Para melhor compreender esse elemento arquitetônico, a próxima seção busca detalhar melhor, assim como trazer exemplos dessas múltiplas conformações.

4.1. O Elemento Torre de Igreja

O elemento chamado de torre tem sua relevância na estrutura compositiva do edifício, no sentido de, conferir harmonia a obra arrematando a, ou as, laterais do frontispício. Esse componente atribui simbolismo também à cultura local onde está inserido, uma vez que, é nele que se dispõem o sino das igrejas. Elemento este, o sino, fundamental no período colonial por se tratar do meio de comunicação das localidades. Era por meio dos tipos de toque de sino que se anunciava falecimentos, desastres, chegada de ilustres, festas religiosas dentre outros acontecimentos. Esse “costume” ainda pode ser visto hoje em dia, especialmente nas cidades ditas históricas e é um considerado um bem imaterial cultural.

Nas igrejas, esse ponto de partida caminhava junto aos detalhes de aparência militar: as torres, como aquelas da guarda e observação, foram num primeiro momento suprimidas para que o sino ganhasse destaque. Este era colocado em armações de madeira ou em suportes sobre a fachada, denotando à torre o símbolo de hierarquia que era próprio às igrejas matrizes. (GARCIA, 2005, p. 30-31).

Muitas vezes as igrejas eram projetadas com duas torres laterais, porém, por algum motivo não se conseguia executar a obra completa, neste caso, deixava-se uma “memória construtiva” para que, numa ocasião mais conveniente, geralmente em função de proventos,

se completasse o trabalho. Como coloca Garcia (2005) se referindo as construções orientadas pelos Jesuítas e suas normas:

Em exemplos de igrejas levantadas pelos bandeirantes paulistas na área de Minas Gerais e Goiás Velho, encontra-se a torre sineira totalmente separada do corpo da Igreja. Este elemento pode ter sido construído juntamente à capela inicial, ou, mais provavelmente, numa época posterior, sendo ao conjunto integrado (GARCIA, 2005, p. 74).

Outra situação, bastante observado pelos pesquisadores, era a previsão de acréscimo de mais uma torre à edificação caso desejassem uma ampliação, no caso das igrejas Jesuíticas se dava da seguinte forma, segundo Costa (1941):

Um dos “quartos” da quadra era sempre ocupada pela igreja, cujo frontispício, mantido no alinhamento do quarto contínuo, formava com este, em elevação, um plano só, correspondendo ao colégio uma linha horizontal contínua e ao corpo da igreja um frontão de empena, com a torre servindo de arremate à composição. Esta disposição clara e coerente, era geralmente adotada quando, de início, não havia parte do programa a construção da segunda torre. ... Quando os planos previam a possibilidade de vir a construir, futuramente, uma segunda torre, aquela que primeiro se fazia era a ligação entre a ala do colégio correspondente ao terceiro e a igreja, como nos colégios do Castelo, no Rio de Janeiro e de São Paulo (COSTA, 1941, p 139).

Considerando então, que a composição final do partido arquitetônico das igrejas coloniais era submetida, no caso do elemento compositivo torre, das torres que foram concluídas, das que não foram concluídas ou nem mesmo sequer iniciadas, das que não foram planejadas ou mesmo projetadas, fica evidente a diversidade das igrejas, com duas torres laterais, sendo uma sineira, de diferentes tamanhos, de tamanhos iguais; com uma torre lateral; com uma torre central; e com uma torre na parte posterior da igreja. Como ressalta Garcia (2005):

As torres eram mais um componente arquitetônico cujo posicionamento e variação volumétrica marcaram a evolução da arquitetura religiosa em Minas, submetida às Ordens Terceiras. Em alguns casos havia duas torres laterais, em que o resultado atual evidencia a supressão das mesmas, [...]. A torre poderia ser única e localizar-se também ao centro do edifício, como a Igreja de Nossa Senhora do Ó em Sabará (GARCIA, 2005, p. 146-147).

Os muitos acabamentos das torres variavam de acordo com a magnitude da igreja, com a técnica disponível na época de sua feitura, com os materiais de cada região, e é claro com a influência dos tratados, a exemplo o Tratado de Calos Borromeo; “As torres sineiras sejam de forma quadrada, ou de outra forma, como considere o arquiteto, de acordo com o tipo de igreja ou lugar” (BORRAMEO, 1985, p. 71). Ademais, eram consideradas orientações de cada período no qual cada igreja está inserida. Como ressalta Fernandes (2009) a seguir:

[...] Casos diversos em diversos materiais e técnicas ao longo dos séculos XVII e XVIII e XIX. Pode-se dizer que a gramática arquitetônica dava certa liberdade de uso e adaptação das obras às necessidades, aos recursos materiais e financeiros que envolviam o processo de construção dos edifícios (FERNANDES, 2009, p.72).

Um bom exemplo de como se estendia experiências de regiões para regiões é o das técnicas e acabamentos das torres com cobertura de telha de barro com formato triangular e solto do corpo da torre, foi uma solução arquitetônica dos paulistas para proteger as construções de pedra e barro, do final do século XVII, que com o tempo foi exportada, pelos próprios paulistas, nas construções em Minas Gerais (COSTA, 1941; FERNANDES, 2009).

4.2. Exemplos de Tipologias de Torres em Templos do Período Colonial Brasileiro

Conforme explicitado anteriormente, as torres possuem inúmeras formas e posicionamento, aqui veremos alguns exemplos dessas condições.

O edifício da Basílica de Nossa Senhora do Carmo, na cidade de Recife, é composto de duas torres, entretanto, uma executada e outra inacabada, provavelmente por falta de recursos para finalização.

Figura 13: Basílica Nossa Senhora do Carmo 1767, Recife-PE



Fonte: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/05.060/465>

Nas capelas mais simples de Minas Gerais é recorrente notar uma única torre central no frontispício.

Figura 14: Capela Santa Quitéria, Catas Altas - MG



Fonte: <http://www.mineirosnaestrada.com.br/interior-de-minas/as-igrejas-de-tiradente>

A Torre localizada na fachada posterior da Igreja já é uma situação mais incomum. No caso da Igreja Nossa Senhora do Carmo, em Diamantina, esta está posicionada no vão central.

Figura 15: Igreja Nossa Senhora do Carmo, Diamantina – MG



Fonte: <https://viagensinesqueciveis.wordpress>

A Torre única lateral à edificação é bastante peculiar, tanto posicionada ao lado direito quanto ao lado esquerdo da fachada.

Figura 16: Igreja Santo Antônio do Canjica, Tiradentes - MG



Fonte: <http://www.viaggiando.com.br/2015/12/catas-altas.html>

Figura 17: Igreja Santa Rita, Paraty - RJ



<http://www.blogcarioca.com.br/turismo-em-paraty/>

Figura 18: Igreja Nossa Senhora do Rosário, Diamantina - MG



Fonte: http://www.panoramio.com/user/1229681?with_photo_id=7093110

As Igrejas regidas por irmandades mais abastadas, assim como as matrizes, que é o caso das matrizes de Catas Altas e Itabirito, em geral, optavam por construir frontispício composto de duas torres. Há uma grande gama de formatos e coroamento dessa dupla de torres.

Na Basílica de Nossa Senhora da Assunção em Mariana a secção é quadrada, com coroamento em telhado de barro piramidal.

Figura 19 e 20: Catedral Basílica Da Sé (N. S. da Assunção) Mariana – MG



Fonte: <http://www.vitruvius.com.br/>

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

O frontispício composto de duas torres com secção quadrada, com coroamento em argamassa piramidal em Itaverava e Distrito de Bichinho.

Figura 21: Igreja Santo Antônio, Itaverava - MG



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Figura 22: Igreja Nossa Senhora da Penha de França, Distrito Bichinho, Tiradentes – MG



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Algumas igrejas apresentam frontispício composto de duas torres com secção circular e coroamento em alvenaria também circular. São exemplos às igrejas do Rosário, cujo risco é de Antônio de Souza Calheiros considerada a primeira edificação com essa tipologia de torre, e a emblemática São Francisco de Assis, que tem seu o risco atribuído ao Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho. Ambas erigidas na cidade de Ouro Preto.

Figura 23: Igreja de São Francisco de Assis, Ouro Preto - MG



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Figura 24: Igreja de Nossa Senhora do Rosário, Ouro Preto - MG



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Outra modalidade da secção quadrada é o coroamento abaulado, possivelmente uma influência italiana. Estão presentes na bela Matriz de Tiradentes e na singular igreja de Mariana.

Figura 25: Matriz de Santa Antônio, Tiradentes – MG



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Figura 26: Igreja São Pedro dos Clérigos, Mariana – MG



Fonte: Acervo pessoal da autora.

É observado também nas edificações religiosas mineiras a ausência da torre. Essa situação dá a falsa ideia de uma torre mais baixa que o corpo da igreja, que, como se sabe, não caracteriza o elemento compositivo arquitetural torre. A sineira é acoplada a lateral, ou as laterais, da edificação, entretanto é subordinado ao frontão da mesma. A sineira, da curiosa Igreja de Tiradentes, posicionada na fachada lateral, é muito rara.

Figura 27: Igreja Nossa senhora da Boa Morte, Piranga – MG



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Figura 28: Igreja Rosário dos Negros, Tiradentes - MG



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Figura 29: Igreja Nossa Senhora das Mercês, Tiradentes - MG



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Figura 30 e 31: Capela do Bom Jesus da Pobreza 1782, Tiradentes - MG



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Mediante a diversidade observada nessa seção, buscou-se um melhor entendimento das tipologias e materiais empregados nas igrejas coloniais mineiras, o que esclarece o uso e a função das torres nessas edificações.

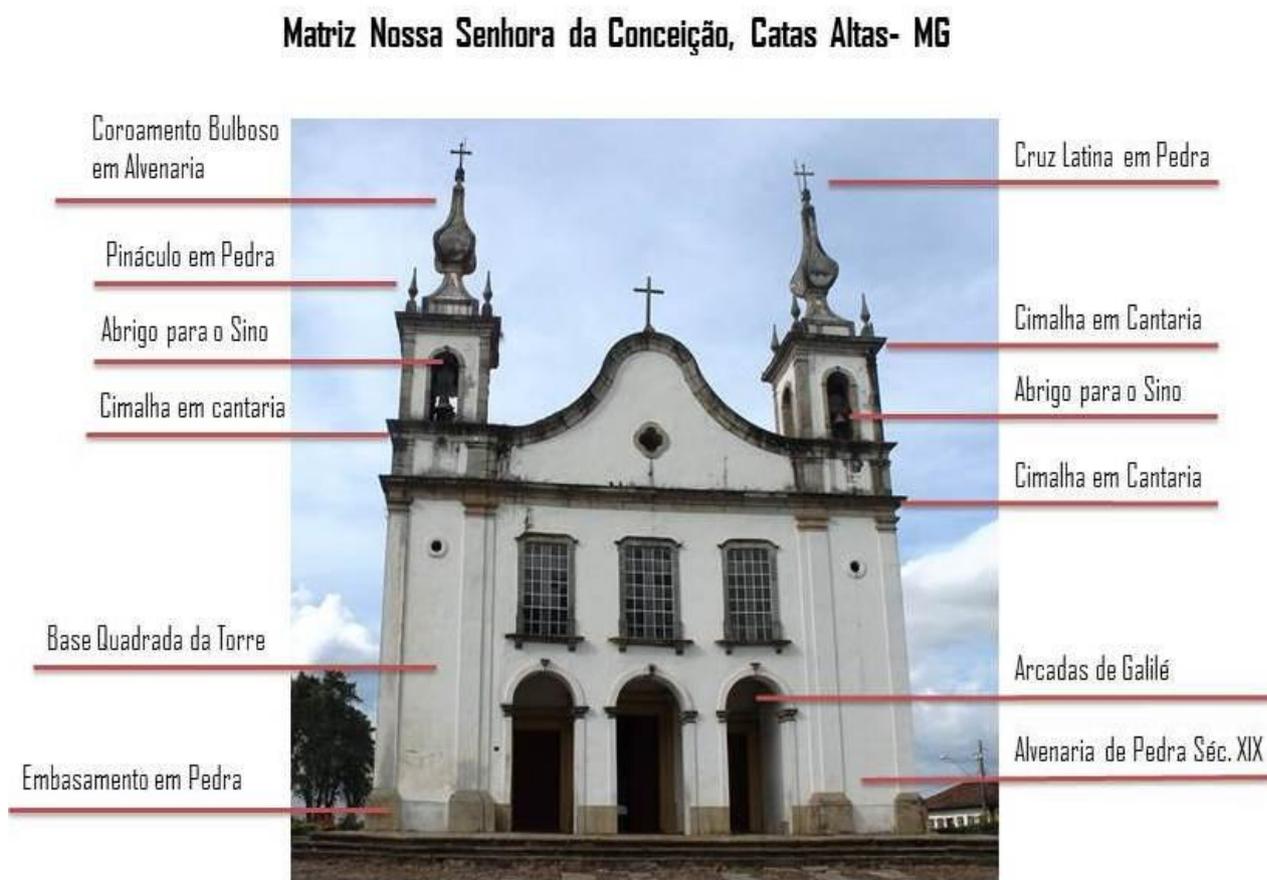
4.3. Estudo Morfológico das Torres das Igrejas de Catas Altas e Itabirito

Para melhor entender a singularidade das torres em estudo, um estudo morfológico dos elementos que compõe essas estruturas juntamente a suas formas, se faz relevante e traz luz a guisa de conclusão. A Morfologia é compreendida como o estudo do aspecto, da forma ¹³.

4.3.1. Torres da Matriz Nossa Senhora da Conceição em Catas Altas e Torres da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem em Itabirito

Todas as imagens desta secção foram elaboradas pela autora com fotografias do seu arquivo pessoal.

Figura 32: Matriz Nossa Senhora da Conceição, Catas Altas – MG



¹³ Estudo do aspecto, da forma e da aparência exterior dos órgãos, dos seres vivos, da matéria ou das partes que compõem um vegetal. Gramática. Seção gramatical que se dedica ao estudo da formação, da origem e da flexão das palavras. Fonte: <http://www.dicio.com.br/morfologia>. Acesso em: 05.02.2016.

Figuras 33 e 34: Matriz Nossa Senhora da Conceição, Catas Altas – MG

Matriz Nossa Senhora da Conceição, Catas Altas- MG

Torre Esquerda



Ornamento Circular em Ferro

Detalhe de Alto Relevo em Alvenaria

Pináculo em Pedra

Moldura em Cantaria

Moldura em Cantaria

Cimalha em Cantaria

Torre Direita



Cruz Latina em Pedra

Coroamento com Pináculo Bulboso Alongado em Alvenaria

Pedestal em formato de Pirâmides curvilíneas Côncavas em Alvenaria

Cimalha em Cantaria

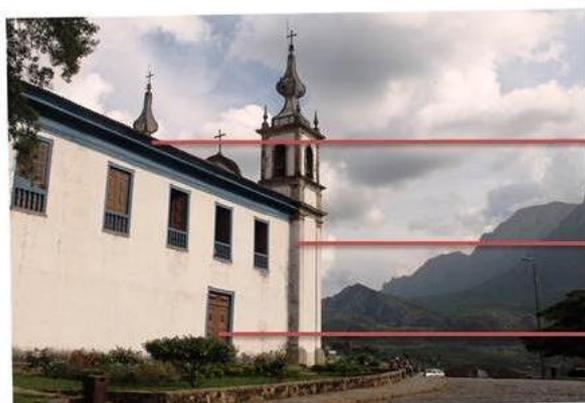
Abrigo para Sino

Secção Quadrada e Estrutura em Alvenaria

As Torres da Matriz são simétricas e têm a mesma função, abrigar os sinos.

As quadro faces são iguais, as mesmas dimensões, formas e materiais nas duas torres.

Fachadas Laterais da Matriz.



Telhado de duas águas de Telhas de Barro

Saliência da Torre com relação ao corpo da Fachada Lateral da Igreja

Porta de acesso a Nave Central



Composição Harmônica das Torres Sineiras vistas da Fachada Lateral e Posterior.

Cimalha em Madeira

Cinco Janelas com Balcão em Madeira Torneada

Figuras 35 e 36: Matriz Nossa Senhora da Boa Viagem, Itabirito - MG

Matriz Nossa Senhora da Boa Viagem, Itabirito - MG



As Torres da Matriz são simétricas e se distinguem por a esquerda abriga o relógio e a direita abriga o sino. As quadro faces são iguais, as mesmas dimensões, formas e materiais nas duas torres.

Figura 37: Matriz Nossa Senhora da Boa Viagem, Itabirito - MG

Matriz Nossa Senhora da Boa Viagem, Itabirito - MG

Fachada Lateral da Matriz.



Telhado de duas Águas de Telhas de Barro

Saliência da Torre com relação ao Corpo da Fachada Lateral da Igreja
Porta de acesso a parte interna da Torre

Acréscimo na Planta Original para Implantação da Sacristia.

Porta de acesso a Nave Central



Composição Harmoniosa das Torres vistas da Fachada Lateral e Posterior.

Após esse estudo, pode-se inferir que, a semelhança das torres de ambas as igrejas é nítida. Apesar de contarem com materiais distintos, as formas se aproximam muito uma da outra.

As torres são iniciadas em secção quadrada; possuem três partes (base, meio e término com coroamento); possuem cimalkas e coruchéu em pedra; são emolduradas em cantaria, tanto as laterais quanto as aberturas que os sinos e relógio são dispostos; os pináculos piramidais levemente curvos são finalizados em bulbos alongados; esses pináculos são encimados por cruces latinas.

4.4. Influência Árabe na Arquitetura Colonial Brasileira

A presença da civilização árabe se deu por muitos anos na Península Ibérica¹⁴, ocupada pelos mouros¹⁵ no intervalo do ano de 711 ao ano de 1249 (PORTUGUAL, 2011).

Conforme explica Reis (1990), em função de desentendimentos familiares abrindo o território para os muçulmanos:

[...] foi uma crise político-religiosa da monarquia visigoda que proporcionou a conquista muçulmana da Ibéria. Aconteceu que, após a morte do rei Vitiza, o Concílio elegeu o cavaleiro Rodrigo para a sucessão ao trono, escolha que não foi acatada pelos filhos do monarca defunto (...) que (...) solicitaram a ajuda árabe (REIS, 1990, p.25).

Apesar dessa tomada de poder ter sido solicitada, com o passar do tempo se tornou indesejada e foram muitas as investidas de retomada de terras pelos europeus, conforme observam Gallas e Gallas (2012), a seguir. Entretanto, a miscigenação dos costumes, práticas e cultura já havia acontecido.

A Península Ibérica já havia sido ocupada por diversos povos desde 3000 a.C. Entre os que ali se estabeleceram estavam os iberos e os celtas, do século VIII ao VI a.C., seguidos pelos fenícios, gregos e cartagineses, que ocuparam a região até II a.C. No ano 209 a.C., os romanos dividiram a península em duas províncias, Hispânica Citerior e Hispânica Ulterior, mantendo seu domínio por sete séculos, até serem expulsos por bárbaros visigodos no século V, já na Idade Média. Árabes muçulmanos invadiram e ocuparam a península no século VII, com exceção de uma pequena faixa ao norte, ocupada pelos reinos de Leão, Castela, Navarra e Aragão, e pelo Condado de Barcelona.

Os reinos do norte nunca se conformaram com a invasão árabe, e pressionados pelo crescimento da população, procuraram reconquistar suas antigas terras. Esta reconquista tomou feição de cruzada, em que os cristãos lutaram contra os mouros com ajuda de nobres inglês, franceses e alemães (GALLAS E GALLAS, 2012, p.24).

Essa ocupação deixou importantes marcas na forma da sociedade viver e de projetar suas edificações. Hábitos e costumes, alimentação, mobiliário e arquitetura, dentre outros, foram de certa forma “arabizados” nesse período (AREN-GARCIA, 2009; PORTUGUAL, 2011).

No Brasil, essa influência iniciou-se com a chegada de escravos muçulmanos e pelo comércio com as Índias e arábias, “[...] para o Brasil é provável que tenham vindo, entre os

¹⁴ **Península Ibérica:** A Península Ibérica está localizada geograficamente na região sudoeste do continente europeu. Estão localizados os dois países ibéricos, que são Portugal e Espanha, e também o principado de Andorra e o território britânico de Gibraltar.

¹⁵ **Mouro:** Entre os romanos, denominação dada aos bárbaros independentes. (Na Idade Média e no Renascimento, o termo tornou-se extensivo aos sarracenos que conquistaram a Espanha e Portugal.) Natural ou habitante da antiga Mauritània. Muçulmano.

primeiros povoadores, numerosos indivíduos de origem moura e moçárabes, junto com cristãos-novos e portugueses velhos” (Freyre, 1987, p.218).

A posteriori, pela chegada dos portugueses, “Com a descoberta do Brasil pelos portugueses se deu a passagem de costumes e técnicas orientais a estas terras. Por ter sido a Península Ibérica conquistada pelos árabes outrora, então sua influência se fez notar em todos os países colonizados pela Espanha e Portugal” (PORTUGUAL, 2001, p. 15).

O barroco ibérico se comportou nas muitas colônias de maneiras diferentes e com intensidades distintas, dessa maneira as muitas formações dessas sociedades ibéricas transferiram sua cultura e formação para essas colônias, concretizando a marca do barroco, como ressalta mais uma vez Garcia (2005),

A América Latina não é apenas uma continuação - no tempo e no espaço - do que fora o barroco ibérico. É muito mais a diferença, sua sobreposição; como se a produção mineira, especialmente, estivesse à frente do barroco português nas suas inserções e multiplicidade de referências. Conquistar a “auto-estima” dessas cidades, sua identificação e força frente ao cenário complexo do século XXI, requer apenas resgatar a flexibilidade e agilidade adquiridas na transposição de seus limites geográficos, tão buscados na época colonial. As manifestações culturais latino-americanas dos séculos XVI, XVII e XVIII atingiram fronteiras que foram além daquelas arquitetônicas, como a literatura ou as artes. Cada país desenvolveu o seu barroco próprio, mas foram esses múltiplos barrocos que enriqueceram e completaram um patrimônio comum, expressão de “latinidade” que torna tão coeso o grupo de ex-colônias ibéricas (GARCIA, 2005, p.123).

A influência árabe na arquitetura é observada em elementos compositivos como muxarabis, mosaicos, chafarizes e mudejar (COLIN, 2010). Muitos pesquisadores escritores como Oliveira Martins, Manoelito Ornellas e Guilio Argan reforçam essa tese, a de uma imensa influência árabe sobre a arquitetura portuguesa e conseqüentemente brasileira (PORTUGAL, 2011).

Figura 38: Balcão com rendilhado em pedra, Mariana - MG



Fonte: Arquivo pessoal autora.

Gilberto Freyre destaca o uso dos azulejos como clara transmissão da cultura moura ou árabe para o Brasil. O uso de azulejo pode ser observado nas igrejas, residências, chafarizes, assim como o uso da telha mourisca e as janelas em xadrez (PORTUGAL, 2011; GARCIA, 2005; REIS, 1990).

As formas bulbosas das torres das cidades de Catas Altas e Itabirito, citadas anteriormente, são herança clara dessa influência árabe nas colônias, com no caso do Brasil, especialmente se analisarmos as diversas igrejas implantadas nas cidades do Norte de Portugal, em Viana do Castelo por exemplo.

É interessante ressaltar que, mesmo com vários estudos posteriores e outros mesmo concomitantes ao tempo de Lúcio Costa, este, deixa claro seu posicionamento quanto à forma bulbosa inseridas nos acabamentos das torres de igrejas setecentistas, sugere a mera questão técnica construtiva sem nenhuma influência árabe/oriental:

[...] Na curiosa torre sineira, tão atarracada, da capelinha do Município de São Roque, a cobertura é também de telha e no mesmo estilo, porque apresenta sobre esteios de madeira, independentes do inferior da torre, que é pedra. Solução esta transferida depois, pelos próprios paulistas, para as capelas e igrejas matrizes de barro e madeira, de Minas Gerais. Só mais adiante, já em pleno século XVIII, aparece, nesses coroamento de torre, o perfil bulboso, aliás, como simples corolário barroco e não por artifício de inspiração oriental, como tantos supõem (COSTA, 1941, p.149).

Figura 39: Capela Santo Antônio, São Roque - SP



Fonte: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquiteturismo/02.013/1404>

Porém, em contrapartida, Bazin, Bastos e Garcia deixam explícita sua correlação entre os povos orientais na forma destes coroamentos das torres.

Discordo deste autor por verificar uma estilização bem variada destes coroamentos ao longo do território mineiro. São realmente exemplos de corolários barrocos, mas utilizados de maneira mais sinuosa e trabalhada, demonstrando mais cuidado no detalhamento existente nas Igrejas mineiras do século XVIII. As “trocas arquitetônicas” que ocorreram no Brasil, e especialmente considerando Minas Gerais, foram feitas por um Portugal que já havia adquirido muito de seu vizinho espanhol, cujas marcas da civilização muçulmana se fez presente desde o ano de 711. Em atenção a mais um detalhe construtivo, Mariano Filho (19--) destaca a cobertura, cujas telhas cerâmicas que cobriam as primeiras habitações brasileiras tiveram origem árabe, conhecidas por telhas romanas, de calha, ou coloniais (GARCIA, 2005, p. 147-148).

Esses estudiosos identificam essa forma bulbosa como artifício árabe. Rodrigo Bastos (2011) vai além, faz menção a arquitetura religiosa do norte português, região essa que, sabidamente, vieram e se instalaram muitos portugueses no Brasil.

Ricardo Rocha (2014), em sua análise dos estudos do renomado historiador da arte e da arquitetura norte-americano, Robert C. Smith, sobre a obra do Convento Franciscano de Nossa Senhora da Penha na cidade de Vitória (ES), destacou o enfoque dado pelo pesquisador a elementos com referência árabe na edificação datada dos séculos XVI e XVII, reforçando assim a tese, aqui levantada, sobre a influência árabe nas construções luso-brasileiras:

[...] Raro também, entre os monumentos coloniais do litoral brasileiro,... é o caprichoso perfil dos telhados e da chaminé do Convento de Nossa Senhora da Penha. Evocam... os vestígios árabes que ainda marcam os horizontes das velhas povoações andaluzas e alentejanas. No Brasil, quase não se conhece a fantasia destas linhas (ROCHA, 2014, p. 07).

A “latinidade” da colônia luso- hispânica se deu em função do florescimento da mistura cultural dos povos lá existentes e dos árabes na Península-ibérica, e conseqüentemente da transferência dessa bagagem cultural para as colônias (BAZIN, 1983; GARCIA, 2005, PORTUGAL, 2011).

Garcia lembra que muitas construções religiosas mineiras expõem essa influencia, como a Igreja de São Francisco de Assis em São João del Rei e a Nossa Senhora do Carmo em Mariana, “[...] suas fachadas planas em perfeita harmonia com o tema curvo. As torres redondas se encontram recuadas em relação à empena, terminadas por cobertura circular e ornatos cônicos; sua finalização é feita com toda uma ornamentação de gosto oriental” (GARCIA, 2005, p. 151).

Figura 40: Igreja Nossa Senhora do Carmo, Mariana - MG



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Era tão evidente esse intercâmbio cultural que na cidade de Lisboa em Portugal eram comuns lojas de temperos vindos das Índias, sedas da China e sobrados com gelosias e chaminés *mudéjares*. Aqui no Brasil, é válido lembrar que, além da cultura importada portuguesa e africana ainda havia a cultura indígena, diversificando um pouco mais e inevitavelmente deixando marcas na arquitetura e na sociedade.

4.5. Traços Árabes na Arquitetura das Igrejas do Norte de Portugal

A região norte de Portugal é composta pelos distritos¹⁶: Viana do Castelo, Braga, Porto, Vila Real, Bragança, Viseu e Aveiro. Essa região é considerada o ponto inicial da formação

¹⁶ Os Distritos em Portugal correspondem aos estados no Brasil.

do país e é responsável por um dos produtos mais característicos e que mais representa seu povo, o Vinho do Porto.

A produção artística, arquitetônica e cultural dessa região também merece destaque por sua exuberância e grande riqueza cultural.

Figuras 41 e 42: Mapas de Portugal e Norte de Portugal



Fonte: <http://gogal.pt/frontoffice/pages/148>

<http://autocaravanista.blogspot.com.br/2009/04/mapas-das-regioes-de-portugal.html>

Garcia (2005) ilustra o posicionamento de que os mouros que ocuparam a região deixaram suas marcas expressas na arquitetura local, corroborando essa conjectura com os autores anteriormente citados como Bazin, Portugal, Bastos, dentre outros,

A área formada pela costa de Aveiro, Beira e Minho demonstram uma forte influência oriental nas fachadas de seus edifícios, telhados e detalhes decorativos; a arte ibérica se formou com muitas características do estilo *mudéjar*¹⁷, tanto na arquitetura religiosa como nas casas de moradia GARCIA, 2005, p. 29).

¹⁷ Os longos anos de convivência entre cristãos e muçulmanos no território espanhol deram origem a este tipo de arquitetura, que desde o século XII marcou as construções da Espanha e influenciou também Portugal, perdurando até o século XV. O estilo *mudéjar* é caracterizado pelo predomínio de elementos árabes, como arcos de ferradura ou médio ponto, colunas delgadas e ornamentação meticulosa, traços geométricos e entrelaçados em trabalhos na madeira, que cobriam cúpulas, forros e portas; além da azulejaria em Portugal e colônias como o México. Na Península Ibérica, é o estilo que caracteriza toda a obra de arte produzida por súditos maometanos, maometanos convertidos ou cristãos por estes educados, a tal ponto que excederam termos como “hispano-árabe” ou “mourisco”. Sobre seu desenvolvimento especialmente na Espanha, Cf. BEVAN, Bernard. Historia de la arquitectura española. Barcelona: Editorial Juventud, 1950.

Fonte: GARCIA, 2005.

Partindo então dessa afirmação, as igrejas portuguesas dispostas a seguir, são exemplos concretos da semelhança das características mouras e em especial com as torres das igrejas de Catas Altas e Itabirito em Minas Gerais, Brasil.

O foco do observador doravante é a parte superior das edificações religiosas, é para o coroamento, a forma e os adornos das torres.

1. Viana do Castelo:

A Paróquia Nossa Senhora de Monserrate é uma comunidade da freguesia de Monteserrate na cidade de Viana do Castelo.

Figuras 43 e 44: Igreja Nossa Senhora da Agonia



Fonte: <http://paroquiamonserrate.com/index.php?seccao=grupodetalhe&conteudo=193>

2. Ponte de Lima

O Santuário do Senhor do Socorro situa-se na freguesia de Labruja a 12 km de Ponte de Lima. O recinto exterior do templo é enquadrado por um muro coroadado por fogaréus e estátuas, entre as quais se destacam os dois anjos tocando trombetas, que dominam o arranque da escadaria.

A fachada frontal da igreja de ousado recorte sobrepõe-se a um largo arco abatido e é ladeada por duas torres de remates bulbosos com quatro arestas. Sobre o arco, as estátuas de S. Pedro e do papa Gregório Magno.

Figuras 45 e 46: Igreja de Santo António de Frades Capuchos



Fonte: <http://cadernosemcapa.blogspot.com.br/2009/08/santuاريو-do-senhor-do-socorro.html>

3. Arcozelo da Torre

A Igreja de Santo Antônio está situada na freguesia de Arcozelo da Torre em Ponte Lima. É composta por piso longitudinal com uma nave, grande capela, sacristia, frontispício revestido de azulejos e torre sineira na fachada posterior da edificação.

Figuras 47, 48 e 49: Igreja de Santo António da Torre Velha Igreja



Fonte: <http://www.portugaltravel.org/igreja-de-santo-antonio-da-torre-velha-church-ponte-de-lima>

4. Arcos De Valdevez

O município de Arcos de Valdevez possui 51 freguesias e tem uma área de 450 Km² e está situado em Viana do Castelo. A Igreja de Aguiã está localizada na freguesia de Gondoriz, possui uma torre sineira lateral e fachada com acabamento em azulejo.

Figuras 50 e 51: Igreja de Aguiã



Fonte: <http://www.panoramio.com/photo/37196028>

5. Arcos De Valdevez

Ainda no município de Arcos de Valdevez, mas na freguesia de Miranda, está situado a Igreja de Nossa Senhora da Conceição que é a padroeira dessa localidade. Também com uma torre sineira lateral.

Figuras 52 e 53: A Igreja de Nossa Senhora da Conceição



Fonte: http://www.jf-miranda.com/?m=ver_noticia&id=242

6. Paredes de Coura

Situada no distrito de Viana do Castelo, Paredes de Coura possui a Igreja do Divino Espírito Santo. O templo apresenta à direita do corpo da igreja a torre sineira, composta por três corpos. No último piso abrem-se as ventanas balaustradas. Remata a torre uma cúpula bulbosa, circundada por parapeito balaustrado, finalizado por pináculos.

Figuras 54 e 55: Igreja do Divino Espírito Santo



Fonte: <http://www.panoramio.com/photo/55909794>

7. Braga

O Mosteiro de Santo Martinho de Tibães, antiga sede da Congregação Beneditina portuguesa, está localizado a 6 km da cidade de Braga.

Figuras 56 e 57: Mosteiro de São Martinho de Tibães



Fonte: <http://www.mosteirodetibaes.org/>

Como se pode notar, as igrejas portuguesas supracitadas são dotadas de torres com finalização muito próximas às mineiras, algumas com ângulos maiores outras com ângulos menores e ornamentos diferentes, entretanto sempre com a forma bulbosa em comum. Todas obedecem a essa premissa.

É conveniente salientar que nem todas as igrejas, com essa característica árabe, foram aqui expostas. A região norte de Portugal é bastante extensa e possui uma produção religiosa e arquitetônica também muito extensa.

Contudo, o que realmente pode-se extrair dessa breve análise de igrejas portuguesas, com foco central em suas torres, é que, sem sombra dúvida, essas têm semelhança considerável com as torres das igrejas de Catas Altas e Itabirito, levando a crer na transposição, por algum meio de conhecimento e ou comunicação da Coroa para a Colônia, do desenho e técnica de feitura dessas torres sineiras brasileiras.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se atribuir ao período barroco uma considerável produção de espaços amplos e artisticamente cuidados. Nesse sentido, a arte mourisca contribuiu na suntuosidade ornamental dos espaços arquitetônicos, em especial os religiosos.

Há fortes indícios de que havia uma circulação de riscos, ou mesmo de algum tipo de manual com orientações nas diversas feições arquitetônicas, desde ornamentos até técnicas construtivas, frontispícios e claro, torres sineiras. Assim, pode-se inferir a relação das torres das igrejas aqui estudadas, Nossa senhora da Conceição em Catas Altas e Nossa Senhora da Boa Viagem em Itabirito. Há uma importante semelhança no formato do coroamento, mesmo sendo de estruturas diferentes, uma em alvenaria e outra em cantaria de granito. É singular em relação às demais igrejas erigidas em Minas Gerais, o formato bulboso é comum apenas a estas duas matrizes. Essa possibilidade de circulação de riscos explicaria então “coincidência arquitetônica”.

Em suma, a influência árabe na península ibérica, o que contempla o norte de Portugal, e a transposição dessa herança para as colônias luso-portuguesas, faz jus a essa aparência das torres sineiras das cidades portuguesas com as torres mineiras. As formas bulbônicas são clara referência do “gosto” árabe, o qual é visto em muitos outros elementos, como chafarizes e azulejos, deixados como marcas, no tempo e no espaço, de um período produtivo para a arte e para a sociedade.

É desta atitude de vigilância pela memória que nasce em parte o desvelo pelo provir, pois ao humano é mais fácil lançar *frondes* quando passa a conhecer a profundidade de suas raízes. Estas raízes trazem ao lume do pensar a capacidade e o motivo de valorizar pormenores do caminho humano; atitudes, obras de produção que, não fosse o conhecimento do passado, menos que o vulgar ou aparência significaria.

Miguel Angelo Fiorillo

6. REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Angelo Oswaldo de. **Igrejas de Minas**. Belo Horizonte - MG. Gráfica Lê Ltda. 1998. 324p

AREÁN-GARCÍA, Nilsa. Breve histórico da península Ibérica. **Revista Philologus**, v. 15, p. 45, 2009.

ARGAN, Giulio Carlo; tradução Pier Luigi Cabra. **História da Arte como História da Cidade**. – 5ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ÁVILA, Affonso; CONTIJO, João Marcos Machado; MACHADO, Reinaldo Guedes. **Barroco Mineiro. Glossário de Arquitetura e Ornamentação**. Coedição Fundação João Pinheiro e Fundação Roberto Marinho. Rio de Janeiro. 1979.

BASTOS, Rodrigo A.. **Decoro, engenho e maravilha nos largos e igrejas de Santa Bárbara e Catas Altas**. *Per Musi*, Belo Horizonte, nº 24, 2011, p. 67-78.

_____. Regularidade e ordem das povoações mineiras no século XVIII. **Revista do IEB-USP**, São Paulo, fev. 2007, n. 44, p. 27-54.

BAZIN, Germain. **A arquitetura Religiosa Barroca no Brasil**. Vol. 2, ed. RECORD, Rio de Janeiro-1983.

BOHRER, Alex Fernandes, 2007 – **Os diálogos de Fênix: fontes iconográficas, mecenato e circularidade no barroco mineiro** (dissertação de mestrado). Programa de Pós-Graduação em História, FAFICH/UFMG, Belo Horizonte.

_____, 2015 – **A talha do estilo nacional português em Minas Gerais. Contexto sociocultural e produção artística** (tese de doutorado). Programa de Pós-Graduação em História, FAFICH/UFMG, Belo Horizonte.

BORROMEO, Carlos. **Instrucciones de la fábrica y del ajuar eclesiásticos**. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1985.

BUSTILLO, Carmem. **Barroco y América Latina – un itinerário inconcluso**, Caracas, Monte Ávila Latinoamericana, 1990, p 67-72.

CAMPELLO, Glauco de Oliveira. **O brilho da simplicidade. Dois estudos sobre arquitetura religiosa no Brasil colonial**. Editora Casa da Palavra. Departamento Nacional do Livro. Rio de Janeiro – RJ. 2001.

COLIN, Silvio. Técnicas construtivas do período colonial. **Coisas da Arquitectura**, 2010.

COSTA, Lúcio. A arquitetura dos jesuítas no Brasil. **Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, n-5, p.105-169, 1941.

DANGELO, André Guilherme Dornelles. **A cultura arquitetônica em Minas Gerais e seus antecedentes em Portugal e na Europa: Arquitetos, mestres-de-obras e construtores e o trânsito de cultura na produção da arquitetura religiosa nas Minas**

Gerais setecentistas. Belo Horizonte – MG. (tese de doutorado). Programa de Pós-Graduação em História, FAFICH/UFMG, Belo Horizonte.

FERNANDES, Luciano de Oliveira. **Alegorias do Fausto: O Triunfo Eucarístico e a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto.** Ouro Preto – MG. Editora da Universidade de Ouro Preto. 2009.

FIORILLO, Miguel Angelo. **Fundamentos Históricos da Paróquia de Nossa Senhora da Boa Viagem,** Belo Horizonte: Ed. O Lutador, 1996.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande e senzala.** 25. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.

GALLAS, Fernanda Dispatari ; GALLAS, Alfredo O. G. **O Barroco no reinado de D. João V: arquitetura, moedas e medalhas.** Bragança Paulista, SP: Ed. Do Autor, 2012.

GARCIA, Juliane Martins. **Traços hispânicos no processo de latinidade da arquitetura colonial em Minas Gerais.** Dissertação (Mestrado em Arquitetura). Universidade Federal de Minas Gerais, escola de Arquitetura, Belo Horizonte, 2005.

GOULÃO, Maria José. Os estudos de história da arte portuguesa na América Latina, Barroco. **Revista de ensaio e pesquisa.** nº 17. Centro de Pesquisas do Barroco Mineiro, Belo Horizonte, Anos 1993-1996, pp. 61-67.

HANSEN, João Adolfo. “**Artes seiscentistas e teologia política**”. In: TIRAPEL, Percival (Org.). **Arte Sacra Colonial: Barroco Memória Viva.** São Paulo: UNESP/Imprensa do Oficial Estado, 2001. P. 180-189.

_____ **Alegoria – construção e interpretação da metáfora.** São Paulo: hedra; Campinas: Unicamp, 2006.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil.** – 26 ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MAIOLINO, Claudio Fortes. **Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição Catas Altas – Santa Bárbara – MG.** Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) – IFAC- Instituto de Filosofia, Arte e Cultura. Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto (MG), 1989.

MALARD, Maria Lúcia. **As aparências em arquitetura.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

MIRANDA, Selma Melo. **Nos Bastidores da Arquitetura do Ouro: Aspectos da Produção da Arquitetura Religiosa no Século XVIII em Minas Gerais.** 1996. Artigo disponível em <http://www.upo.es/depa/webdhuma/areas/arte/3cb/documentos/063f.pdf> Acesso em maio de 2013.

PANOFSKI, Erwin. **Significado nas artes visuais.** 3ª ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004.

PORTUGAL, Ana Raquel Marques da Cunha Martins. **O LEGADO ÁRABE NO BRASIL.** *Revista Interdisciplinar de Estudos Ibéricos e Ibérico-americanos.* ISSN 1980-5837. Ano V, Nº 16, Juiz de Fora, maio-agosto/2011.

PUGA, Javier Fernández. Aproximación á arquitectura barroca do norte de Portugal. **Eduga: revista galega do ensino**, n. 43, p. 195-210, 2004

REIS, A. do Carmo. **Nova história de Portugal**. Lisboa: Notícias, 1990.

ROCHA, RICARDO. **As linhas gerais da arquitetura e a ornamentação do Convento de Nossa Senhora da Penha (ES) por Robert C. Smith: uma análise comentada**. IX Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte em homenagem aos 200 anos da morte de Antônio Francisco Lisboa - o Aleijadinho. Belo Horizonte (MG), 02 a 05 de Novembro de 2014.

Dicionário Online. Disponível em<<http://www.dicio.com.br/morfologia>> Acesso em: 05.02.2016

Censo 2010, IBGE. Disponível em <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?uf=31&dados=29>> Acesso em 29.01.2014.

IBGE, População estimada em 2015. Disponível em <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=311535&search=minas-gerais|catas-altas>> Acessado em 05.01.2016

Santuário do Caraca (MG). Disponível em<http://www.serradocaraca.tur.br/serra_do_caraca> Acesso em 05.01.2016.

7. GLOSSÁRIO

Adro: Espaço, aberto ou fechado, que fica diante do portal de uma igreja.

Arabesco: ornamento de origem árabe que se caracteriza pelo entrecruzamento de linhas, ramagens, flores etc., podendo ser entalhado em uma superfície, pintado, desenhado ou impresso.

Cantaria: Pedra lavrada para construções.

Chafariz: construção provida de bica por onde passa água. Geralmente, situa-se em local aberto à visitação pública, como praças e jardins, ou dentro em átrios de edificações.

Coruchéu: Torreão ou torre pontiaguda que coroa um edifício.
Remate piramidal de edifício

Decoro: Decência; comportamento decente, com excesso de pudor. Dignidade; respeito às normas morais: agia com decoro parlamentar. Compostura; forma correta de se portar; ação correta. Moralidade; maneira de agir ou de falar que denota pudor, resguardo.

Mosaicos: imagem ou padrão visual criado pela incrustação de pequenas peças coloridas sobre uma superfície (parede, piso, móvel, etc.), aglomeradas e fixadas por um tipo de cimento. Superfície decorada por esse processo.

Mouro: Entre os romanos, denominação dada aos berberes independentes. (Na Idade Média e no Renascimento, o termo tornou-se extensivo aos sarracenos que conquistaram a Espanha e Portugal.) Natural ou habitante da antiga Mauritânia. Muçulmano.

Mudéjar: ornamento geométrico de linhas entrelaçadas.

Muxarabi: é um dos elementos mais característicos da nossa arquitetura colonial, uma das mais persistentes influências da arquitetura árabe. Segundo Estêvão Pinto [6], *muxarabi* significa *local fresco* [7]. Para nós designa um balcão fechado por treliças, chamadas também de urupemas, geralmente com janelas de rótula. As fasquias que formavam as urupemas tinham dimensões bem pequenas, em torno de 15 mm, e eram sobrepostas, formando uma malha bem delicada.

Óculo: Abertura circular que existe nas paredes de alguns edifícios, que serve para clarear e arejar.

Península Ibérica: A Península Ibérica está localizada geograficamente na região sudoeste do continente europeu. Estão localizados os dois países ibéricos, que são Portugal e Espanha, e também o principado de Andorra e o território britânico de Gibraltar.

Risco: equivale ao projeto arquitetônico da atualidade, claro que de maneira mais simplificada, mais evidente no desenho das fachadas.

Taipa de Pilão: é uma técnica construtiva que consiste em comprimir a terra em **formas de madeira**, denominada de **taipais**, onde o barro é **compacto horizontalmente** disposto em camadas de aproximadamente quinze centímetros de altura até atingir a densidade ideal, criando assim uma **estrutura resistente e durável**.

Talisca: Fenda ou greta. Peça estreita e fina de madeira, que se embute nos encaixes longitudinais de portas e janelas.

PARECER

ALEX FERNANDES BOHRER, professor orientador da monografia intitulada “As Torres das Igrejas Matrizes de Catas Altas e Itabirito em Minas Gerais”, de ELEUSY NATÁLIA MIGUEL, confere ao trabalho a nota 9 (nove), à luz do seguinte parecer: *“o trabalho lança luz sobre o estudo das torres sineiras em Minas Gerais no período colonial, tecendo uma linha comparativa entre Minas e Portugal e dentro das diversas regiões de Minas, especificamente entre Catas Altas e Itabirito, cujas torres, conforme bem percebido, são quase iguais. A autora passou então a levantar pistas para explicar tal semelhança, listando vários exemplos, razão pela qual acredito que o trabalho está a contento e finalizado. Trata-se de tema que merecerá, futuramente, novas abordagens e esse trabalho presente será, então, obra primeira a se consultar”*.



Prof.Dr. ALEX FERNANDES BOHRER
Orientador

28 de setembro de 2016.